

Risco país pode cair ainda mais, diz Levy

Ed Ferreira/AE

Para secretário do Tesouro, aprovação das reformas deve reforçar a tendência

RENATO ANDRADE
e ADRIANA FERNANDES

BRASÍLIA – Depois de o risco país romper a barreira dos 1.000 pontos, o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, afirmou ontem que há espaço para uma redução ainda mais acentuada em um curto espaço de tempo. Segundo ele, a continuação da queda do risco ontem, que atingiu 965 pontos, é uma sinalização de que pode haver rapidamente uma redução ainda maior.

Na avaliação de Levy, a aprovação da emenda constitucional alterando o artigo 192 da Constituição, que trata da regulamentação do Sistema Financeiro Nacional, vai contribuir para esse movimento e melhorará os indicadores da economia brasileira. Com o encaminhamento e aprovação das reformas da Previdência Social e tributária, ele espera uma melhora ainda maior do risco país.

A reforma da Previdência, destacou, trará mudanças essenciais na área social e fiscal e a reforma tributária garantirá maior eficiência para a economia. “Tendo sucesso nas reformas, vamos mudar o ambiente. O efeito disso na taxa de juros é formidável”, afirmou.

Levy não vê necessidade de o governo se apressar em fazer uma emissão de títulos soberanos no mercado externo neste momento. “Não tem por que ter nenhuma precipitação”, disse. A queda do risco Brasil aqueceu as especulações do mercado sobre uma possível emissão de títulos no mercado externo.

Como justificativa, ele citou o baixo volume de recursos que



Joaquim Levy: ‘Não queremos crescimento só estimulando a demanda. Esse é de fôlego curto’

terão de ser captados pelo governo em 2003. “Não estamos precisando agora”, resumiu. A previsão do Banco Central (BC) é que as captações externas este ano serão de US\$ 3 bilhões. Ele admitiu que há apetite para os papéis da dívida externa brasileira. “Se o risco país está caindo, é porque tem gente querendo comprar, que não estava interessado antes”, afirmou.

Com a melhora dos indicadores da economia, o secretário acredita que a economia brasileira poderá crescer este ano mais do que os

2,2% previstos pelo BC. “Se as reformas passarem e a dinâmica da inflação continuar favorável, isso ajuda a economia crescer mais”, disse. A previsão feita pelo BC, destacou, é realista e fundamentada, mas os técnicos estão sempre atentos para qualquer mudança de indicadores.

O governo, disse, tem conseguido cumprir uma agenda de crescimento para o País. “É um modelo de crescimento que já mostrou resultados”, disse. Ele ressaltou o fato de o País estar conseguindo crescer ao mesmo tempo

que fez um ajuste do balanço de pagamentos das contas externas. “Um ajuste do balanço de pagamentos como o nosso poucos países fizeram. E estamos fazendo esse ajuste crescendo”, enfatizou, lembrando que há seis meses os analistas do cenário econômico previam recessão para o Brasil. “Temos memória curta”, comentou.

O crescimento que está sendo buscado é o que traz sustentabilidade no longo prazo. “A diferença é que não queremos crescimento só estimulando a demanda. Esse é de fôlego curto”, ponderou. “Não podemos ter crescimento com bolha”, justificou, ao criticar políticas econômicas que aceitam um pouco de relaxamento da inflação, que aumentam a dívida pública ou trazem deterioração do balanço de pagamentos para viabilizar o crescimento. (AE)

“Tendo sucesso nas reformas, vamos mudar o ambiente. O efeito disso na taxa de juros é formidável”

Joaquim Levy,
secretário do Tesouro